

O ideal de uma Princesa

«SANTA JOANA PRINCESA, TORNADA AVEIRENSE EM SUA LIVRE ESCOLHA E DEVOÇÃO, NÃO ESQUECERÁ QUEM A RECORDA»

Convidado pelo nosso Bispo para, neste momento, proferir algumas palavras sobre Santa Joana Princesa, aceitei o convite que me foi feito.

Não foi temeridade da minha parte; anui num sentido de autêntico serviço e de sincera devoção. Serviço à comunidade dos cristãos aveirenses que, aqui e hoje, lembram e veneram a celeste Padroeira; devoção humilde e fraterna para com aquela que eu, desde há muito, considero como singular irmã e especial amiga e protectora.

Não vou fazer uma biografia; em traços rápidos e desarticulados, apenas focarei o grande ideal que norteou a vida da Princesa — vida que, apesar de breve, ainda para nós continua a refulgir em luz de santidade e de amor a Deus e ao próximo.

Como refere Soror Margarida Pinheira, contemporânea de Santa Joana, com quem viveu no Mosteiro de Jesus e a cuja morte assistiu, crescia nesta excelente Infanta e singular Princesa um grande fervor e um divino amor ao Reino e à Glória eterna; porque o seu feitio e formação não se coadunassem com o Reino terreno de que tinha todo o prazer e abastanço, de riquezas e deleites segundo convinha a seu real estado e de el-rei seu pai, desde novita mais lhe apetecia dedicar-se à reflexão espiritual. Evitava toda a ociosidade em ver ouvir e contar coisas, vãs e supérfluas e ainda no paço; em Lisboa ocupava na oração certas horas do dia encerrada no oratório particular onde ninguém entrava. Ali mergulhada na sua consciência, qual santuário em que se encontrava consigo e com Deus, admirava e contemplava espiritualmente as maravilhas do Amor Eterno e, quanto mais admirava e melhor contemplava, mais livre se sentia, porque a liberdade de Deus era a sua liberdade.

D. Afonso V, seu pai, ficara viúvo em idade moça e apenas com os dois filhos, a quem dedicava um amor sem igual — ela e o Príncipe D. João; por isso, ia ele muitas vezes ao paço de D. Joana. As suas distrações eram com a filha, como antes foram com a rainha D. Isabel. E, nessas alegres festas e frequentes serões, D. Joana aparecia elegante nas formas esbeltas e delicadas e nas linhas esguias e proporcionadas do corpo. De quando em quando, dava a mão ao irmãozito, ao pai, ao tio D. Fernando ou a outros familiares — e fazia-o com graça e formosura, dançando à cadência rítmica de sons musicais. Ao toque de suaves instrumentos de corda, as danças não iriam, além de alguns passos lentos, que o par dava frente a frente, segurando-se mutuamente por uma das mãos, com mesuras e cumprimentos.

A filha do «Africano» sabia cultivar em si a alegria sã, para a partilhar com os demais; é esta uma forma admirável de caridade. Poderia sofrer interiormente; mas sentia-se em paz e procurava ser superior a tudo o que a perturbasse, porque tinha a certeza de que Deus, presente na sua consciência, era a sua imensa alegria.

A Princesa, que ia nos 15 ou 16 anos mas parecia de mais idade não só pela estatura como principalmente pela gravidade senhoril, pela prudência e pelo saber, continuava a aborrecer muito de quanto via e ouvia, para concluir ser efémera a vaidade deste mundo e imensa a glória do outro. Por isso, fora das ocasiões em que o Rei e o Príncipe vinham ter com ela, D. Joana acabou por não permitir que, em sua casa, se fizessem jogos e representações de farsas; era uma maneira de se libertar das banalidades da vida. E não só; com sabedoria e prudência, orientava e governava as suas damas e donzelas. O Espelho de Cristina, livro que sua mãe mandara traduzir, servir-lhe-ia de roteiro favorito. Tinha razão D. Afonso V para se rever na filha; desvanecido com os elogios que dela se faziam, decidira efectivamente entregar-lhe as jóias e os adornos que haviam pertencido à rainha D. Isabel e conceder-lhe ampla autoridade no

governo do paço de S. Cristóvão.

Na esperança de que, por sua filha, o Reino fosse mais exaltado, prosperasse pacificamente e vivesse em concórdia com as outras nações, o monarca expunha-lhe frequentemente projectos de casamento, porque reis e príncipes a demandavam para si e para os seus reinos. As alianças com Portugal eram disputadas, numa época em que o nosso País adquirira prestígio e fama; desde o tempo de D. João I que a gesta marítima e africana atraía a atenção dos outros povos. Que admira, pois, que as princesas de Portugal fossem preferidas? Como estamos longe desse tempo — e ainda bem! — Em que os pais e os familiares planeavam os casamentos, desde o nascimento das crianças, e em que se realizavam os esponsais na mais tenra infância!...

Delicadamente D. Joana retorquia ao pai sentir desgosto em ouvir falar desse assunto, pois o que sobre tudo pretendia era servir e oferecer-se ao Rei e Senhor que, mais do que ninguém, desejava e amava. Na Princesa, o amor consagrava-se a um ideal superior, bem vivo, que era Cristo — esse Cristo que, nascendo da Virgem Maria, se tornou verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado. E, quando alguém se entusiasma por este ideal, é-lhe decerto exigido, por íntima auto-determinação, o afastamento de muitas coisas, mesmo legítimas, mas nunca a renúncia ao amor, o qual será ainda mais puro em dedicação total. As páginas secretas da vida de muitos homens e de muitas mulheres, que nesta linha sublimaram o amor, são o que há de mais refulgente na sua história particular; temos em D. Joana um magnífico exemplo.

Concretizando no dia-a-dia aquele desejo e aquele amor, a filha do «Africano» repetia e alongava os tempos de oração e dava-se ocultamente a disciplinas. Aprendeu mesmo a rezar o ofício divino das horas canónicas, industriada por Frei Álvaro Gonçalves, seu capelão, homem de muita prudência e de grande espiritualidade. E tanto se deixava inflamar pelo amor a Deus que, desde os anos moços, derramava lágrimas e suspirava ao ler e meditar a paixão de Cristo, como se presente o visse chagado e padecer. Merecia-lhe especial ternura o passo em que o Senhor, descido da cruz, foi posto no regaço de sua Mãe.

Apoderada de tais sentimentos, a Princesa escolheu para seu emblema — como que a demonstrar o que profundamente vivia — a coroa de espinhos, que fez bordar nos reposteiros, pintar nas portas e gravar nas jóias.

Em Santa Joana, o amor era verdadeiramente doação, íntima união, fusão total; por isso, ela partilhava dos sofrimentos de Cristo... e tão voluntariamente que mal avaliamos o requinte do mesmo amor. Informa a biógrafa que, todos os dias; desde a mocidade, sempre destinou uma hora para, de rosto por terra e com lágrimas nos olhos, estar sozinha a reviver as dores de Cristo e a repetir as suas angustiosas palavras. Apaixonada por Ele, confessava-se e comungava amiúde. Era efectivamente em Cristo que a Princesa descobria Aquele que lhe trazia a liberdade baseada na verdade. Ela própria estava a dar um admirável testemunho disto mesmo porque, graças a Deus e em Cristo, alcançava a verdadeira liberdade e a manifestava com firmeza voluntariosa.

Encontra-se nesta linha a penitência que fazia no meio das facilidades do paço, tão secretamente que ninguém suspeitava; e tudo amorosamente realizava, oferecendo-o ao Senhor pela conversação dos pecadores.

Nas suas reflexões, à sombra do mistério da Cruz, como a Princesa deveria pensar tantas vezes na instabilidade das grandezas e na inconstância dos afectos humanos! Recordaria o triste destino do seu tio-avô, o Infante D. Fernando, que caíra do conforto da vida palaciana na imundície de uma masmorra onde, coberto de parasitas e de chagas, limpava as cavalariças do rei de Fez. Pensaria em sua avó paterna, a rainha D. Leonor, obrigada a deixai o País onde fora soberana, para se acolher sob a caridade dos seus, em Castela, sem marido e sem filhos. Lembraria a avó materna, a duquesa de Coimbra, que, encerrada no paço, chorava a morte violenta do marido e o exílio dos filhos. A Princesa compararia tudo isto e saberia avaliar o sofrimento da própria mãe. Como eram ilusórias as grandezas mundanas e enganadora a

felicidade humana!... Como tudo, de repente, se desvanecia!... Em silêncio, reflectia... e o seu espírito buscava certezas em Deus — o Amor que ela amava e a Vida que ela vivia.

Afeiçoando-se singularmente a duas senhoras do paço — uma, talvez Mícia de Siqueira, muito devota e recolhida, zelosa do bem e dada a todas as virtudes, e a outra, Briles Alvares, sua camareira, de grande entender e discrição e em tudo muito avisada — começou a descobri-lhes os íntimos desejos do seu coração e a consultá-las em segredo, sob condição de guardarem sigilo sobre o assunto de tais conversas. Também a um criado, que tinha sido da rainha, homem de idade que com ela ficara e vivia, prudente e reservado, e que seu pai lhe dera como principal tesoureiro de toda a sua fazenda e jóias, ela o tomou e fez seu tesoureiro nas coisas espirituais.

Em certa ocasião, D. Joana mandou a este criado que procurasse e adquirisse secretamente uma quantidade de áspera estamena e a confiasse a uma daquelas mulheres. A estas ordenara a Princesa que, sem perda de tempo, fizessem umas camisas com aquela grosseira e torturante lã, para as usar, como penitência, por baixo dos amplos e ricos vestidos, lavrados a ouro e seda; sendo elas bem cingidas ao corpo e de mangas curtas, ninguém as perceberia. Além disso, jovem elegante, embelezada com belos colares e firmas de muita pedraria, atormentava-se voluntariamente com mordentes cilícios, que levava com sacrifício e amor.

Era assim um dos aspectos da ascese cristã desses recuados tempos. Não se pretende sequer fazer um juízo sobre tal modo de proceder; até seria erro se hoje, com a formação e as coordenadas da nossa época, se julgassem costumes dos séculos passados. Cada geração tem a sua mentalidade e os seus hábitos próprios, e estes são a manifestação concreta, mais ou menos perfeita, das consciências e da vida de fé em Deus e de relação dos povos e das pessoas. Actualmente a prática será outra; oxalá ela testemunhe veridicamente o mesmo cristianismo empolgante e sincero, O que Santa Joana fazia, porque repetido por diversas formas, significava efectivamente a manifestação do íntimo de uma pessoa, possuída de um grande ideal, que desejava sofrer com Cristo.

Decerto..., possuída de um grande ideal!... Mas não havia maneira de, em definitivo, o concretizar... Crescia na vida, continuando firme na vontade de se realizar no claustro... Porém, não via abrir-se-lhe o caminho... Rapariga que em Deus punha a sua esperança — e esta esperança não a iludia, antes a encorajava — rogava-Lhe, com orações, jejuns e vigílias, que lhe concedesse a graça da consecução de um tão almejado fim. Ele chegaria..., mas quando?... O seu oratório particular, onde sempre tinha acesa uma pequena lamparina, era testemunha de tantas horas, diurnas e nocturnas, sem ninguém dar por isso. Mais ainda. Mandou que debaixo da sua câmara, onde havia uns sobrados, se fizesse uma pequena porta e uma escada de alçapão para um deles e aí se pusesse uma cama pobre e simples, dizendo ser para a secretária, porque não queria que percebessem ser para ela; esta cama era muito dura, e por lençóis tinha umas ásperas cobertas de lã. A cronista, que tal relata com minúcia, acrescenta: — «O Senhor Deus todo-poderoso sabe e é testemunha que tudo isto, que aqui é escrito e dito desta Senhora, sua serva, é verdadeiramente dito».

Dessa forma, todos julgavam que a filha do monarca repousava no aconchego dos seus aposentos e que descansava numa cama gótica com bom colchão e bons cobertores, com uma colcha enriquecida por fios de ouro e com um dossel e seus cortinados a condizer. Porém, não acontecia assim: as horas do sono passava-as num humilde compartimento inferior, de paredes nuas, e sobre uma dura cama.

Todavia, não se pense que Santa Joana apenas vivia a espiritualidade cristã numa constante mortificação corporal e em momentos de oração recolhida e secreta. De forma nenhuma. A fé, que celebra as maravilhas do Criador e Pai, alimentando-se da Palavra de Deus, necessariamente conduz, pelo dinamismo que lhe é próprio, à prática do amor. Não podendo exercer a caridade directamente por não lho permitirem as circunstâncias e a mentalidade do tempo, mas exprimindo naturalmente a autenticidade da fé, ordenava que se cumprissem as

obras de misericórdia, se vestissem os pobres, se visitassem os presos e os doentes e se ajudassem os desamparados, os peregrinos e os estrangeiros. Todos os dias, procurava informar-se junto do criado, atrás referido — a quem confiava os segredos da sua vida e a quem encarregara da caridade — a quantos e a quais pessoas distribuía as esmolos.

Porque o cristão se mostra nas obras que faz, estas acções da Princesa eram a melhor expressão do seu ser e do seu pensar. Amava sobretudo a Deus, que era o primeiro a amá-la, e procurava cultivar em todas as circunstâncias a vida escondida com Cristo em Deus; mas era precisamente desta vivência que dimanava e nela se estimulava o amor do próximo.

Belo modelo de quem serve a Deus, não esquecendo os irmãos ou antes, de quem ama a Deus presente nos pobres e desprotegidos!... Como grande obra de caridade também se pode considerar as atitudes firmes que a Princesa tomava para o bom governo do paço. Sobre todas as coisas trabalhava pela paz e concórdia, não consentindo no paço e mandando castigar asperamente todas as palavras de injúrias e malquerenças. Anotando o facto, a cronista assim conclui: — Grande graça e virtude tinha o Senhor Deus posto nas palavras desta Senhora, que os inimigos e malquerentes vinham à concórdia e à boa paz.

A semana santa constituía para D. Joana como que um resumo concentrado do programa do seu viver. Em todos os dias guardava recolhido silêncio; desde quarta-feira não falava mesmo nada e passava o tempo em oração e jejum; na quinta e sexta-feira, só se alimentava a pão e água; na quinta-feira santa, à noite, seguindo o mandato e o exemplo de Cristo, ordenava ao secretário que, sem lhes dizer para onde vinham, lhe trouxesse doze mulheres, as mais estrangeiras, pobres e miseráveis, a quem ela, na câmara secreta, de joelhos e por si mesma, lavava os pés e as mãos, os limpava e os beijava; por fim, vestia-as a todas largamente e dava-lhes dinheiro para alimentação e calçado. As mulheres, tão carinhosamente tratadas, eram levadas sem saberem quem tinha sido a benfeitora.

Queridos amigos e aveirenses

Não era de admirar que, possuída profundamente por um tão sublime e empolgante ideal, recebido da misericórdia de Deus, a jovem Princesa seguisse o rumo da consagração religiosa na Ordem de S. Domingos. Não era de admirar e era de prever. E foi aqui, neste Mosteiro de Jesus, que ela viveu desde 1472 até à morte, ocorrida às duas horas da madrugada de 12 de Maio de 1490. Evoquemos os últimos momentos, vividos na sala do lavor, no primeiro andar desta casa.

A certa altura, a Princesa, jazendo no leito de enferma, fez esforço por se erguer um pouco, levantou os olhos brilhantes, olhou as religiosas em redor de si e fitou o Crucifixo, que o padre confessor empunhava diante dela. Num ambiente de luz mortiça e no meio da escuridão da noite, era o último clarão de vida, O rosto transformara-se-lhe, colorindo-se de rosa e retomando a perfeição das antigas feições, a todas as presentes se afigurava tornar a ver o que ela fora meses atrás. Entretanto, os lábios pareciam rezar levemente.

Quando Frei João Dias — o prior do vizinho convento dominicano — invocou os Santos Inocentes na ladainha do Ofício da Agonia, a Princesa deixou cair as mãos que erguia para a Cruz e fechou os olhos — aqueles formosos olhos que, por segundos, haviam recuperado a tonalidade verde — e passou para o Além, com um indelével sorriso a inundar-lhe a face; fora definitivamente encontrar-se com o Senhor, que sempre amara e por quem tanto sofrera. Contava apenas 38 anos e quatro meses de idade.

Aos olhos do mundo, terá perdido a própria vida; mas, sob o prisma da fé, adquiriu aquela verdadeira vida que alcança as profundezas da Eternidade. É que, como S. Paulo, a Princesa sempre considerou todas as coisas efémeras como prejuízo, perante a enorme vantagem de conhecer e de viver Jesus Cristo; por Ele aceitou todos os danos e considerou tudo como lixo.

Mas ganhou Cristo e n'Ele se encontrou.

Vendo que D. Joana havia falecido, Frei João Dias interrompeu a ladainha; em modo de comentário, os padres, alçando as mãos ao Céu, exclamaram: — Com os Santos Inocentes se foi.

A finalizar, lembro o derradeiro pedido que a moribunda fez à prioresa do Mosteiro: — Madre, receberia em muita caridade e consolação, se a vós e às irmãs aprover, o meu corpo ser enterrado no coro de baixo e ir vestido neste santo hábito. Sempre desejei naquele local ser a minha cova e morada, para que as minhas irmãs tenham razão, vendo, a se lembrarem de mim; eu o hei-de ser delas e desta Casa.

Efectivamente, o artístico túmulo marmóreo leva-nos a recordar a vida e a pessoa de Santa Joana Princesa, tornada aveirense em sua livre escolha e devoção; ela, por sua vez, como celeste protectora, não esquecerá quem a recorda. Assim o prometeu.

Que este intercâmbio, em quase mútua saudade, faça que nós — ainda peregrinos da Eternidade nesta terra de passagem — vivamos para Cristo, morto e ressuscitado por nosso amor. Oxalá que, pela graça de Deus e na realização concreta da nossa vocação específica, sigamos aquele ideal que levou Santa Joana a servir-se das coisas caducas deste mundo para alcançar os bens imperecíveis da vida sem fim.

16-05-1980

Mons. João Gonçalves Gaspar